

PORFÍRIO É SOMBRA QUE RESISTE: O ETHOS DA TESTEMUNHA EM “O LEITOR DO LIVRO DO APOCALIPSE”, DE PEDRO TIERRA

PORFÍRIO IS A RESISTING SHADOW: THE WITNESS'S ETHOS IN "THE READER OF THE BOOK OF REVELATION" BY PEDRO TIERRA

Jacielle da Silva Santos

Doutora em Linguística e Literatura (pela UFNT)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4182174438038711>
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1131-4764>
E-mail: jaciellesantosseducto@gmail.com

Luiza Helena Oliveira da Silva

Doutora em Letras (pela UFF)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5064863441344644>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5886-6809>
E-mail: luiza.to@uft.edu.br

Resumo: Este trabalho analisa o conto “O leitor do livro do Apocalipse”, da antologia *Pesadelo*, de Pedro Tierra (2019), e busca explorar a memória como meio de presentificar a ausência do outro. O relato ficcional ativa afetos e envolve o corpo resistente que busca e enuncia, mesmo sob adversidades e diante do tempo, que tende a enfraquecer convicções. A análise baseia-se em categorias da semiótica discursiva, como a figurativização, e nas reflexões de Fontanille (2016) sobre o corpo. O protagonista remete ao líder camponês José Porfírio, desaparecido em 1973 após ser preso pela ditadura brasileira, em 1972. Apesar do autor declarar o conto como ficcional, revela inspiração em Porfírio, que resistia à tortura repetindo passagens do livro sagrado. Em tempos de desafios à democracia brasileira, as pesquisas do Grupo de Estudos dos Sentidos do Tocantins (GESTO) destacam o corpo como espaço de resistência e memória, alinhando o fazer científico a implicações políticas.

Palavras-chave: Literatura do Norte. Narrador da memória. Ditadura.

Abstract: This work analyzes the short story “The Reader of the Book of Revelation,” from the anthology *Nightmare*, by Pedro Tierra (2019), and seeks to explore memory as a means of presentifying the absence of the other. The fictional narrative activates affects and involves the resistant body that seeks and enunciates, even in the face of adversity and time, which tends to weaken convictions. The analysis is based on categories of discursive semiotics, such as figuration, and on Fontanille’s reflections (2016) on the body. The protagonist refers to the peasant leader José Porfírio, who disappeared in 1973 after being arrested by the Brazilian dictatorship in 1972. Although the author declares the story as fictional, he reveals inspiration in Porfírio, who resisted torture by repeating passages from the sacred book. In times of challenges to Brazilian democracy, the research of the Group of Studies of the Senses of Tocantins (GESTO) highlights the body as a space of resistance and memory, aligning scientific production with political implications.

Keywords: Northern Literature. Narrator of Memory. Dictatorship.

Introdução

Apresentamos, neste artigo, um recorte da tese intitulada "O narrador da memória: reflexões semióticas sobre produções literárias de Janailson Macêdo e Abílio Pachêco", orientada pela professora Dr^a Luiza Helena Oliveira da Silva (UFNT), que tem como objetivo compreender como, a partir da experiência do vivido, os sentidos são evocados em narrativas que ecoam as vozes dos moradores da região Norte impactados pelo período de exceção brasileiro. A pesquisa baseia-se em um levantamento bibliográfico voltado para a literatura que narra as vivências dos nortistas, e destaca vozes marginalizadas, assim como analisa os sentidos emergentes da enunciação de memórias coletivas que, frequentemente, não encontram espaço na história dominante.

Como fundamentação teórica para análise, mobilizamos a semiótica discursiva, compreendida, em termos gerais, como "teoria da significação". Seus fundamentos encontram-se na linguística saussuriana, na fenomenologia de Merleau-Ponty e na antropologia de Lévi-Strauss. Nos trabalhos mais recentes, a semiótica tem se orientado, mais de perto, para sua inspiração fenomenológica, abandonada, de certo modo, nas primeiras décadas do século XXI, quando ela buscou favorecer descrições de cunho formal, quase sempre centradas na sintaxe narrativa, elaborada a partir das formulações de Greimas (1973), sob inspiração da narratividade em Vladimir Propp.

Como teoria da significação, a semiótica investiga a semiose, que se constitui pela relação entre os planos da expressão e do conteúdo. Neste trabalho, privilegiamos o plano do conteúdo, estabelecido pela compreensão de que a significação se estrutura em níveis diferentes de abstração e complexificação, organizados no que Greimas (1973) denomina como "percurso gerativo de sentido". Trataremos, mais especificamente, da enunciação, compreendida como instância linguística logicamente pressuposta pelo enunciado. Conforme Benveniste, "antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância do discurso [...]" (Benveniste, 2006, p. 83-84). É a enunciação que faz, portanto, o papel de mediadora entre a língua (sistema) e sua concretização (fala), responsável pela sua atualização e, simultaneamente, por possibilidades de sua reconfiguração.

Nesse ínterim, a semiótica greimasiana considera o texto como um todo dotado de sentido, o qual também pode ser construído na relação entre enunciador e enunciatário. No entanto, para a compreensão semiótica deste, é imprescindível o trabalho com o plano da expressão, ou seja, os enunciados do texto. Assim, ao contrário de enunciação, "[...] entendida como ato de linguagem, o enunciado é o estado dela resultante, independentemente de suas dimensões sintagmáticas (frase ou discurso)" (Greimas; Courtés, 2008, p.168). Ao tomar o texto como objeto de análise, a semiótica discursiva considera também o discurso evocado nas escolhas linguísticas, o que torna o plano da expressão o ponto de partida para a compreensão deste, pois ela concebe o discurso como um todo de significação, o qual, projetado no enunciado pela enunciação em ato, permite ao analista compreender os sentidos evocados no texto (Fiorin, 2016, p.31).

Se tomarmos como exemplo a Literatura de Testemunho, pesquisadores de diversas áreas discutem a respeito de um fazer literário que, comumente, opta pelo ponto de vista de quem vivenciou o evento traumático, que se inicia com documentos e registros de guerra trazidos por diversos soldados, os quais, de maneira geral, coadunam com a literatura produzida no século XIX, onde o foco é concentrado nos atos de bravura e heroísmo dos vencedores. Por outro lado, a partir das produções dos judeus sobreviventes do Holocausto (1941-1945), surge uma outra forma de ver e narrar o horror desses acontecimentos. Na América Latina, para a existência dessa literatura, é preciso que ouvintes sensíveis façam ecoar a voz daqueles que são, em geral, de uma cultura oral ou não dominam a escrita. São sobreviventes, quase sempre, dos genocídios indígenas e da população do campo.

Neste artigo, a pesquisa se fundamenta em obras literárias contemporâneas produzidas por autores e autoras da região Norte, com foco especial nos estados do Pará e do Tocantins. Esses textos, muitas vezes de difícil acesso e pouco divulgados pela grande mídia, refletem as experiências e memórias coletivas da população local, destacando grupos sociais historicamente marginalizados, como camponeses, trabalhadores rurais, mineradores e barqueiros. O levantamento realizado visa

não apenas identificar e divulgar essa literatura, mas também promover sua integração ao currículo escolar das escolas do Tocantins, contribuindo para a formação de leitores literários mais sensíveis às particularidades culturais e históricas da região.

A análise comparativa entre obras produzidas por autores locais, e aquelas escritas por autores de outras regiões do Brasil sobre o Norte, permite-nos explorar as diferenças nas intenções do enunciador e nas perspectivas sobre o vivido. Por fim, a pesquisa busca evidenciar como a literatura contemporânea do Norte pode enriquecer o ensino, oferecendo novas possibilidades de interpretação e ampliação de sentidos por meio da semiótica greimasiana, além de fomentar a valorização da cultura e da memória regional na formação educacional e literária das comunidades escolares. E, para isso, selecionamos o conto "O leitor do livro do Apocalipse", de Pedro Tierra (2019), como objeto de análise.

Qual o lugar das narrativas contemporâneas do Norte na formação do leitor literário, no currículo do Tocantins?

[...] o grande desafio para a literatura é o de saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo. Ítalo Calvino

O Ensino de Literatura, orientado pelos documentos oficiais "como, por exemplo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio", indica, como ponto de partida, a inserção dos estudantes em experiências estéticas, de forma a ampliar os seus conhecimentos prévios de maneira significativa, por meio das práticas sociais de linguagem já experienciadas no Ensino Fundamental e na sociedade de modo geral. Nessa perspectiva, a BNCC do Ensino Médio orienta sobre a importância do trabalho com o texto literário em sala de aula, frisando, como objetivo, "não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes." (Brasil, 2018, p. 499). Nesse ponto, há um movimento mútuo dos estados da federação brasileira para adequarem seus currículos aos propósitos do que dita a lei no que se refere à leitura literária na escola. No entanto, vemos que a urgência nessa adequação ainda preconiza os clássicos da Literatura, ou materiais prontos nos quais o texto literário não ganha espaço como objeto de experiência estética, em que é preciso parar, contemplar, explorar e, somente depois, analisar.

Como exemplo desse movimento de adequação à BNCC do Ensino Médio, a proposta curricular do estado do Tocantins para o ano letivo de 2022 (encaminhada no mês de março de 2022 às escolas estaduais do estado) apenas menciona que, nos últimos bimestres, a literatura tocaninense deve ser trabalhada em sala de aula. Isso sem apontar exemplos, ao contrário dos clássicos em que há sugestões de obras a serem trabalhadas ao longo dos três anos. De maneira igual, as Unidades Curriculares Eletivas¹ (UCE) para implementação do novo Ensino Médio as quais complementam o Documento Curricular do Tocantins do Ensino Médio (DCT/EM), em construção à época mencionada acima abordam o trabalho com o texto literário apenas em três temas dos oito a serem trabalhados, interdisciplinarmente, na área de Linguagem e suas Tecnologias.

De maneira não muito diferente, o DCT do Ensino Médio do Tocantins², aprovado e homologado em dezembro de 2022, pelo Conselho Estadual de Educação (CEE), e encaminhado às escolas para orientar o planejamento das aulas no ano de 2023, mantém o já proposto no elaborado

1 De acordo com o documento orientador da Seduc/TO, disponibilizado às escolas em fevereiro de 2022, as Unidades Curriculares Eletivas (UCE) são de livre escolha dos estudantes e lhes possibilitam experimentar diferentes temas, vivências e aprendizagens, de maneira a diversificar e enriquecer o seu Itinerário Formativo. Na Formação Técnica e Profissional, as FICs (Curso de Qualificação Profissional) também podem ser ofertadas como eletivas. As UCE terão duração semestral e carga horária de um a dois tempos por semana. No caso das FICs, a UCE será ofertada em mais de um semestre, com carga horária mínima de 160 horas.

2 O referido documento (Resolução nº. 169, de 20/12/2022) é organizado da seguinte maneira: Caderno 1 - Disposições Gerais; Caderno 2 - Formação Geral Básica e o seus Anexos; Caderno 3 Itinerário Formativo: Trilhas de Aprofundamento e seus Anexos; Caderno 4 - Itinerários Formativos: Eletivas e Projeto de Vida; Caderno 5 - Itinerário Formativo: Formação Técnica e Profissional.

em 2022 em relação à menção ao trabalho com a literatura tocantinense no decorrer dos três anos relativos ao Ensino Médio. Isso no que se refere ao trabalho com outras literaturas, como as indígenas, africanas e latino-americanas. Outra questão importante é que o professor regente deve inserir, em seu planejamento, o caderno sobre o Programa de Recomposição da Aprendizagem (2023), o qual traz excertos de textos literários indicados para a leitura em sala de aula, bem como outras atividades de leitura e compreensão desses trechos, com foco na avaliação Aprova Brasil³. Em 2023, a elaboração do material referente às Eletivas, diferente de 2022, em que constavam os planejamentos prontos a serem executados, fica a cargo do(a) professor(a) regente, desde que seguindo as orientações do documento geral.

No texto inicial sobre o componente curricular de Língua Portuguesa (Caderno 02), a literatura tocantinense aparece com o objetivo de promover a literatura da região, como podemos observar no seguinte excerto:

Além da indicação da progressão das habilidades, ressalta-se aqui, a importância que o estudo e a inclusão da *literatura tocantinense* ocorram de forma gradativa, iniciando pelos autores em cada localidade, abrangendo posteriormente os regionais e os estaduais. *O objetivo é promover, ressaltar e valorizar a literatura local e regional de forma ampla, potencializando o conhecimento cultural, artístico e sociolinguístico adquiridos pelas leituras das obras literárias tocantinenses.* (DCT/TO: Caderno 02, dez 2022, p. 28). (Grifos nossos).

Como vemos, a leitura do texto literário tocantinense, além da questão cultural e artística da obra, passa pelo crivo sociolinguístico da leitura, de forma gradativa, sendo o professor o responsável por conhecer essa literatura e inseri-la em seu planejamento. Por essa razão, citamos, aqui, o DCT para enfatizar a importância de refletirmos sobre como se deve inserir essa literatura em sala de aula, como serão realizadas as escolhas textuais por parte do professor e, ainda, qual o cuidado que devemos ter no momento do planejamento das aulas de leitura literária na escola para não recairmos, mais uma vez, no pretexto de usar a literatura para se ensinar gramática.

Diante do exposto, ressaltamos, sem medo de ser redundantes, a importância de refletir e debater a respeito de como podemos inserir a literatura tocantinense em sala de aula, abrindo espaço para a produção histórico-ficcional produzida no Norte para, assim, ampliar o trabalho de apreciação estética dessa literatura. Tal processo permite o contato dos estudantes com uma experiência de leitura subjetiva que não aborda somente o tema discutido, mas também as escolhas linguísticas do autor para explorar esse tema, levando-os à compreensão dos vários sentidos presentes no texto, os quais não gerariam os mesmos sentidos se não estivessem ali. Defendemos, portanto, a necessidade de se construir um currículo em que haja, efetivamente, o contato dos estudantes e dos professores da rede estadual do Tocantins com as obras contemporâneas produzidas em nosso Estado. Obras estas que fazem ecoar a memória coletiva da região acerca, por exemplo, da Guerrilha do Araguaia ou de outros temas que façam parte do cotidiano dos estudantes, sem que somente se apresente obras ufanistas sobre a criação do Estado.

Conjeturar sobre o espaço da leitura do texto literário em salas de aula heterogêneas, e sobre as possibilidades permitidas por essa seleção e escuta, ajuda-nos, conforme discutido pela professora Ana Crélia P. Dias (2016, p. 214), a pensarmos mais no processo de formação do leitor, buscando promover um encontro com o texto literário em que se leva em conta o texto, o leitor e a experiência estética de que estes podem tornar-se partícipes. Diferentemente da forma como, geralmente, se aborda o trabalho com a leitura literária, é preciso que o contato do estudante com a literatura não seja algo mecânico, com foco apenas na gramática ou no conhecimento da

3 O Aprova Brasil é um programa implantado no Tocantins no ano de 2020, em parceria com a Editora Moderna, cujo objetivo é ampliar a competência de leitura e matemática dos estudantes. Está diretamente ligado ao programa de Recomposição das Aprendizagens - Recomeçar, instalado no Tocantins com objetivo de sanar as lacunas do período de pandemia. Todo o material direcionado aos professores e estudantes da rede estadual é de responsabilidade da editora, ficando a cargo do professor apenas aplicá-lo em sala, de acordo com o cronograma estabelecido.

crítica. Precisamos guiar seu olhar para uma experiência como leitor em processo de formação, que necessita apreciar seu objeto para depois analisá-lo. Por esse caminho, não há atribuição de valores do que seja certo ou errado, mas a compreensão da escuta atenta e da leitura subjetiva de cada estudante, o que permite que haja reflexão sobre o que se lê, valorizada, principalmente, quando o professor se assume como leitor também em processo contínuo.

Luiza Silva (2021), a respeito da formação do leitor na escola, acrescenta a essa discussão a questão sobre como podemos pensar, a partir da semiótica greimasiana, a inserção da leitura do texto literário em sala de aula atrelada à leitura subjetiva. Para isso, compreende a subjetividade a partir da relação do leitor com a leitura de mundo, suas experiências e seu contato com o livro como objeto. Esse íterim nos leva a refletir sobre a possibilidade de ser ou não válido considerar a subjetividade do leitor que lê o texto apressadamente, diferentemente daquele que lê para cumprir um trabalho escolar, ou mesmo daquele que busca o prazer em sua leitura. O que considerar nesse ponto, já que cada indivíduo possui uma experiência singular com os discursos que circulam na sociedade e, portanto, são atravessados de maneira diferente por cada um deles?

Sabemos que é na escola que muitos de nossos estudantes têm contato com o texto literário clássico, ou mesmo com aqueles contemporâneos não tão acessíveis, como os textos disponíveis gratuitamente em plataformas digitais, por exemplo, as *fanfics* e os contos que os próprios autores disponibilizam nas redes sociais virtuais. É sobre a reflexão acerca do contato do estudante com o texto literário no espaço escolar que Luiza Silva vem se debruçando em suas pesquisas, no intuito de promover uma reflexão e uma semiótica didática, que colabore para o fazer do professor regente em sala de aula, além de contribuir, significativamente, para formar sujeitos capazes de questionarem o que leem à medida que compreendem os sentidos dos textos.

Silva e Melo (2018), ao discutirem a respeito da escolarização da leitura do texto literário, aponta-nos que só existe possibilidade de leitura literária se o leitor tiver contato com o objeto que vai apreciar, ler, compreender e interpretar. Por isso a importância no investimento em acervos que contem não somente com a presença dos clássicos ou literaturas outras dos grandes centros, por exemplo, mas de obras que garantam aos estudantes e professores do Tocantins o contato com as literaturas produzidas no Norte. Após esse contato, o próximo passo é debruçar-se sobre o texto, em um movimento leitor

[...] capaz de incorporar tanto a subjetividade na leitura, quanto a possibilidade de compartilhar saberes sistematizados que potencializem e ampliem a capacidade de apreensão dos textos; a singularidade da enunciação, quanto sua historicidade; a que se soma a ideia de um corpo a corpo com o objeto sensível (o livro, a palavra, o verso, a narrativa), complexificado pelas trocas e interações de quem ainda vê sentido na escuta do outro e na partilha das significações. (Silva, 2021, p. 202).

Em outras palavras, se para a semiótica o texto é um objeto de significação, e o texto literário, por si só, permite-nos uma experiência estética, só podemos formar leitores literários dentro da escola se estes tiverem o contato direto com o objeto de leitura. O primeiro passo, de acordo com Silva (2021), é favorecer a leitura literária em sala de aula, permitir que esse leitor em formação tenha contato com o objeto livro (físico, se possível), ou com o texto literário na íntegra. Se é somente na escola que esse leitor terá acesso a determinados textos, é nela, portanto, que ele deve ser conduzido, em primeiro lugar, a ter a experiência estética necessária antes da leitura propriamente dita. Ele precisa parar e contemplar, para, somente então, mergulhar no texto literário. A subjetividade, aliada à leitura do texto, permite ao leitor em formação o compartilhamento dos saberes a partir do disposto na obra, sem que este se perca em devaneios ou discussões não abordadas no enunciado posto.

Ao priorizarmos, a partir das discussões de Silva (2015, 2018, 2021), a leitura subjetiva dos estudantes sendo o professor um auxiliar nessa caminhada, não estamos excluindo as leituras canônicas e suas críticas formalizadas, ao contrário, é preciso englobar ambas as experiências leitoras para podermos formar cidadãos críticos. Terry Eagleton (2021), em seu livro *“Como ler Literatura”*, sugere algumas maneiras de como o professor pode pensar a leitura literária em sala de

aula, conciliando-a com a crítica. Em todos os seus apontamentos, o foco do professor deve ser para a linguagem do texto, independente se este é ou não canônico. Assim, conforme já apresentado, o plano de expressão é usado como meio de mediação da leitura na tentativa de se refletir sobre como o tema em questão é abordado. O objetivo de uma reflexão como essa, em que há o foco no processo da formação do leitor literário, é o de levar o estudante a compreender como determinado tema pode ser abordado de várias formas, sob perspectivas diversas, e como cada uma delas traduz uma concepção de mundo e, portanto, um ponto de vista.

Assim, aproximar o leitor dessa experiência tem de ser uma atitude de convicção em uma necessidade de alargamento de horizontes de sentidos, não de arrogância de concessão de espaço em um universo que é para poucos. O mergulho na interpretação aprofundada é tarefa e desejo dos especialistas. Para o leitor comum, advoga-se o espaço da aproximação para a experimentação da obra a fim de que a experiência com a arte potencialize sua pulsão criativa, tão relegada a segundo plano em um processo de educação financeira. (Dias, 2016, p. 217).

No caso específico do trabalho com o texto literário em sala de aula da Educação Básica, geralmente, prioriza-se, além da vida do autor, a escola literária (estética) a que pertence. Uma análise semiótica, no entanto, privilegia a descrição do objeto com foco nas escolhas dos enunciados do texto e a forma como eles estão dispostos, já que cada escolha linguística diz muito sobre aquele objeto e não permite que outros sentidos, não expressos ali, sejam levados em consideração. A teoria semiótica greimasiana que subjaz tal processo analítico considera, dessa forma, durante a leitura e análise dos textos, em primeiro lugar, os enunciados da obra em questão, sem desconsiderar, obviamente, o enunciatário/leitor que busca compreender os sentidos produzidos pelo enunciatário do texto.

O direito às narrativas de memória do Norte

Ler e compreender o texto é uma constante nos planos de aula e nos projetos de intervenção das unidades escolares Brasil afora. No entanto, para garantirmos a leitura do texto literário, precisamos de livros; e para compreendermos, é preciso lê-los sem um modelo fixo ou uma tabela a ser preenchida. A mecanicidade ou a quantidade de leitura desenfreada, que atropela o ensino, priorizando uma disputa acirrada pela quantidade, ou mesmo apenas pelo prazer não garante um leitor crítico. É necessário garantirmos o acesso ao maior número de textos ficcionais, de forma a priorizar a leitura com o tempo necessário para um trabalho profícuo com o texto literário em sala de aula, a partir de uma leitura e uma escuta atentas, na qual os pares sejam ouvidos.

A leitura literária, seja ela canônica ou não, seja a que traduz a perspectiva do dominador ou aquela que emerge das lutas sociais, é não somente um direito de todo cidadão, mas uma necessidade como afirmado por Antônio Candido (2017, p. 177), pois ela não apenas contesta os fatos veiculados pelo viés estatal hegemônico, como também confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Nesse sentido, refletir sobre as escolhas de quais textos literários podem adentrar em nossas salas de aula é também exercer o direito de acesso a textos não canônicos, que reflitam uma perspectiva local em uma construção dialógica, de forma que os cacos da memória individual se constituam ou façam constituir uma memória coletiva. Processo este que se desdobra em possibilidades de reverberações a partir da ficcionalização de escritores mais sensíveis aos acontecimentos históricos, o que pode vir a dialogar/confrontar com a escrita hegemônica, fazendo com que os leitores conheçam, discutam e compartilhem essa memória coletiva.

Como mencionado anteriormente, o DCT do Tocantins deixa a cargo do professor regente a seleção dos textos literários tocantinenses para o trabalho em sala de aula. No entanto, devido à questão editorial, não há disponibilização de um material vasto e amplo das literaturas locais para as escolas tocantinenses, salvo alguns autores que produzem textos exaltando a beleza de nossa

região, ou mesmo enfatizando as questões políticas da criação do Estado a partir da perspectiva do dominador.

Na tentativa de contribuir para a ampliação desse repertório, selecionamos, em nossa pesquisa, obras que fazem ecoar a memória coletiva da região Norte, sob um viés diferente das produções dos grandes centros. As obras selecionadas e apresentadas em nossa tese se justificam pela escolha enunciativa dos autores, os quais optam por fazer emergir as vozes dos moradores da região ou daqueles considerados à margem da sociedade, por vezes, ignorados como sujeitos, pela história oficial. Entre os autores, destacamos Pedro Tierra (poeta de Porto Nacional), Carmo Bernardes (jornalista e escritor que morou na Ilha do Bananal), Luiza Silva (professora da UFNT de Araguaína), Maria Pinto (professora da Educação Básica do Tocantins em Araguaína), JLeandro (jornalista e escritor que veio, ainda criança, para o Tocantins), Glória Azevedo (professora da UFT de Porto Nacional), autores(as) estes(as) que, em suas obras, falam sobre a região em que vivemos, sinalizam os acontecimentos históricos que envolvem o Rio Araguaia e os moradores de nossa região, em suma, trabalham com a memória coletiva da região do Araguaia.

O acesso a textos que extrapolam o canônico, sempre os intercalando com os não canônicos, pode formar um leitor disposto a ler, mesmo aquela leitura que parece enfadonha. Porque ler não é só prazer, é também descobrir o texto, compreendê-lo, desvelar a intenção do enunciador mascarada pelas formas do dizer. Ler é mergulhar no texto como um Sherlock Holmes⁴, buscando indícios deixados quase imperceptíveis pelo autor, mas que se justificam quando encontrados e faz o leitor compreender a tomada de posição do mesmo. Um texto em que ecoa a voz do oprimido, por exemplo, é diferente daquele em que este sempre aparece como inferior, hierarquizado ou mesmo é apagado propositalmente. Essa forma de ressignificar o passado permite ao leitor do texto literário conhecer uma outra versão da história que, somada à memória social da região, torna-se humanitária à medida que é divulgada.

Vale ressaltar que o trabalho com a literatura comparada, juntamente com a análise semiótica, é imprescindível, pois, à medida que o repertório do estudante e do professor é ampliado, aumenta-se a criticidade dos sujeitos no processo de ensino-aprendizagem. Tal perspectiva corrobora com as ideias apresentadas na BNCC do Ensino Médio sobre a importância da leitura literária na escola, uma vez que o contato com esse tipo de linguagem permite enriquecer nossa visão de mundo por meio dos arranjos especiais das palavras, ajudando-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando. (Brasil, 2018, p. 499). Devemos voltar nossa atenção, em primeiro plano, ao modo como as palavras foram usadas na abordagem de determinado tema e o que essa seleção pode nos revelar a respeito do narrador e do enunciador. É o que apontamos, à guisa de exemplificação, na subseção abaixo.

A repressão pelo *ethos* da testemunha em Pedro Tierra

Amar o perdido / deixa confundido / este coração / Nada pode
o olvido / contra o sem sentido / apelo do não / As coisas
tangíveis / tornam-se insensíveis / à palma da mão / Mas
as coisas findas / muito mais do que lindas / essas ficarão.
Memória. Carlos Drummond de Andrade.

Drummond, no trecho acima, que demarca a epígrafe desta subseção, trata de memória e, como tal, inevitavelmente, daquilo que a antagoniza, a ameaça e, ao mesmo tempo, a constitui, a saber, o esquecimento: o sem sentido; o apelo do não. Lembrar pressupõe esquecer, porque não se pode lembrar tudo como se dá com Funes⁵, o personagem de Borges. É preciso recortar, selecionar,

4 Criação do escritor escocês Sir Arthur Conan Doyle, Sherlock Holmes é uma personagem detetive recorrente em vários de seus romances, a quem os agentes da Scotland Yard recorrem quando precisam solucionar os mistérios que intrigam a Inglaterra vitoriana. Para mais informações, recomendamos o site: <<https://www.miriambevilacqua.com.br/sherlock-holmes>> Acesso em: 24 nov. 2024.

5 Referimo-nos à personagem Irineu Funes, do conto Funes, o memorioso, de Jorge Luis Borges, publicado em 1944. Nessa obra, o escritor apresenta um importante relato a respeito da memória e do esquecimento, uma vez que a personagem central, de capacidade impressionante de percepção e memória, tem tal habilidade alçada à categoria da infalibilidade após um acidente que o condena à paralisia. Para mais informações, recomendamos acessar: <<https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/192238/192640>> Acesso em: 24 nov. 2024.

acentuar o que é digno de persistir, porque é preciso narrar, organizar na rede discursiva uma linearidade que não se acha no plano do já dado e que só existe pelo esforço do dizer e dar sentido no enfrentamento do apelo do não. Isso numa sintagmática que se estrutura com começo, meio e fim, por conta da enunciação a se dedicar a fazer arranjos que visam dar sentido ao que poderia ser tão somente um puro sentir ou um sem sentido. Essa seleção e rearranjo se faz, contudo, por conta da tonicidade sentida quanto ao que se viveu, porque é ela que faz persistir uma marca no corpo/ na alma, de algum modo, ainda afetante.

Resta na memória, pois, aquilo que o poeta define como um amor ao perdido, ao que já não é, não mais tangível e disponível ao toque na mão, mas que permanece significando e afetando o sujeito que rememora. Nos trabalhos que desenvolvemos em torno da memória (Silva, 2011; 2020), é essa perspectiva que assumimos: a de que a memória trata do que ainda afeta, sensivelmente, o corpo daquele que insiste em sentir o que já não é, atualizando-o no dizer, em muitos casos, como se revivendo a intensidade do que lhe aconteceu.

De acordo com Benveniste, a enunciação é fato do locutor, que mobiliza a língua por sua conta e, além disso, a relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação (Benveniste, 2006, p. 82). No caso deste trabalho, mobilizamos as contribuições de Fontanille (2016, p. 10) sobre os estudos da memória e do testemunho, levando em conta, conforme o autor, que:

[...] para que haja testemunho, é preciso então que a ausência atual da experiência que o locutor está prestes a enunciar seja compensada (i) pelas marcas que a memória de um corpo sensível conservou, e em seguida (ii) pela capacidade de restituição *eticamente legítima* que essa experiência e esses traços proporcionam ao corpo enunciante. (Fontanille, 2016, p. 152, grifo do autor)

O locutor aquele que enuncia o testemunho, assim como o que viveu e pode narrar porque esteve lá, é o sujeito que reconstitui o vivido pela memória atualizada no aqui-agora da enunciação. Nesse sentido, a tonicidade que marcou o vivido, ainda que em descendência, pode evidenciar-se em marcações apreensíveis no discurso, que deixa mostras do corpo que sofreu e que guarda memória do sofrer, uma marca. Pensamos, aqui, no *ethos* a partir da compreensão de Fiorin (2011, 2016)⁶ que se produz a partir de uma insistência temática e figurativa por parte do enunciador, que faz, da sua produção literária, razão de memória e resistência. Interessa-nos, mais de perto, considerar dois aspectos relativos ao conto em questão e que podem ser apreendidos a partir de uma regularidade da enunciação: o *ethos* do enunciador (locutor), considerando a dimensão de que deve ser compreendido também como um corpo, aquele que registra a memória, que sente os efeitos do afeto e que, como tal, se compromete a narrar cenas de pesadelo; o corpo do narrador, que narra a relação com Porfírio, de cujo corpo pouco se diz, mas cujo *ethos* vai sendo apreendido a partir de uma regularidade de sua enunciação; e o corpo figurativizado do ator Porfírio.

Neste trabalho, tratamos da escritura de um poeta que, assim como Drummond, se ocupa da memória: o escritor tocantinense Pedro Tierra, pseudônimo de Hamilton Pereira da Silva (1948 -). Militante da Aliança Libertadora Nacional, um dos grupos de luta contra a ditadura civil-militar instaurada no país entre 1964 e 1985, foi preso em Goiás aos 24 anos, permanecendo encarcerado e passando por diferentes prisões entre os anos de 1972 e 1977. Sua produção literária se inicia ainda nos anos de cativeiro. Conta Tierra que escrevia os poemas no papel de maços de cigarro e, pela ação de uma rede de amigos, fazia-os chegar ao exterior. Com a censura imposta a toda publicação que tematizasse a ditadura, a primeira edição de *Poemas do povo da noite*, que reúne essa escrita no cativeiro, foi publicada na Itália. No Brasil, essa publicação só seria possível em 1979. O livro recebeu menção honrosa do prêmio Casa de las Américas (1978), dedicado a produções da Literatura de Testemunho na América Latina (*Testimonio*).

Para este artigo, selecionamos um dos contos de Pedro Tierra presentes na coletânea

⁶ Para a semiótica greimasiana, o *ethos* está relacionado à imagem do enunciador construída no discurso. Por meio dessa imagem projetada, é possível compreender os sentidos enunciados, que visam sustentar a credibilidade e a autoridade do enunciador. Assim, o *ethos* constitui uma estratégia discursiva responsável por garantir os efeitos de sentido projetados no texto.

Pesadelo: narrativas dos anos de chumbo, publicado como primeira edição em 2019. Trata-se de uma primeira produção em prosa e, conforme adverte no início do livro, constitui-se como trabalho de ficção. Cada conto tematiza um aspecto da vida na prisão, no período ditatorial, e nas ilustrações do artista Elifas Andreato, que antecedem os contos selecionados, predominam cores primárias, donde emergem imagens de tortura e sofrimento impostos aos corpos como estratégia de obtenção de informações, além de produção de prazer mórbido naqueles que queriam aniquilar não somente o corpo, mas também a alma dos que ousaram resistir à ditadura.

Em entrevista concedida em 2018, Tierra fala a respeito de *Pesadelo*, ainda a ser publicado:

Concluí nos últimos dias de 2018 um pequeno livro. Como é o mais recente por algum tempo será o mais importante... Pela primeira vez ficção em prosa. Uma experiência árdua. Imaginei produzi-lo em um ano. Levei três para concluir. São seis histórias curtas e levará por título *O pesadelo circular* (Narrativas dos anos de chumbo). Histórias imaginadas num país que anda em círculos... Uma experiência como essa me põe à prova. Como me afastar da linguagem poética que molda minha produção há tantos anos para me aproximar de um relato mais objetivo? É um exercício de aprendizado e não estou muito seguro se alcancei o resultado desejado. O leitor dirá. Como nos livros anteriores, não posso abrir mão de recorrer à memória e à invenção, afinal, parafraseando Manoel de Barros: Tudo que não invento, é falso... (Testa; Marinho, 2018, p. 369).

O conto selecionado para análise intitula-se “*O leitor do livro do Apocalipse*” e é introduzido com dedicatória a uma das principais figuras da luta camponesa no Brasil: Para José Porfírio, onde estiver (Tierra, 2019, p. 71). Natural de Pedro Afonso (Tocantins, 1912- ?), José Porfírio de Souza foi o primeiro deputado de origem camponesa no Brasil, eleito em 1962. Com a ditadura, foi cassado em 1964, refugiando-se no Maranhão, sendo encontrado apenas em 1972 quando, então, ocupava-se da alfabetização de crianças. Libertado meses depois, já em 1973, tornou-se um dos desaparecidos da ditadura. Como apontado por Tierra no início da obra, realidade e invenção se conjugam nesse trabalho que rememora o momento em que, em um dos presídios pelos quais passou, deparou-se com Porfírio, que até então, não conhecia. Para Luiza Silva (2020), as frases curtas, concisas, as indicações em itálico das vozes do cárcere, desconexas e delirantes, potencializam o efeito da crueza e falta de sentido da violência que Tierra denuncia, trazendo para a prosa elementos da experiência com a poesia. Do ponto de vista temático,

Tierra traz as imagens desse universo prisional no contexto ditatorial, que exaspera práticas da violência do Estado, visando a destituir o sujeito de qualquer resistência, razão e esperança. As figuras que possibilitam ver, ouvir e sentir o que aquele que testemunha viveu se organizam por encadeamentos isotópicos de figuras que vão dar concretude ao instante terrível do encontro do corpo/sujeito com o sofrimento que sobre ele recai como punição. Como destinador supremo, o Estado não perdoa e tem nos oficiais e suboficiais os adjuvantes ideais, executando com prazer e/ou indiferença a sanção que ali se impõe. (Silva, 2020, p. 13).

O conto é dividido em três partes (I, II, III), nas quais oscilam as vozes do narrador e a de um colega de cela. Do ponto de vista espacial, esse narrador está ao lado da personagem à qual o conto é dedicado, apresentada ao leitor nos cinco primeiros parágrafos. Apenas no parágrafo seguinte, o leitor compreende que aquele que narra se coloca também como um dos prisioneiros. A recepção ao sujeito que chega ao cativeiro parece pouco solidária, o que leva o narrador a explicar o distanciamento. Diante da experiência da prisão, aprendera a guardar a mesma reserva e o mesmo cuidado que demonstrava o primeiro.

Confiança entre homens encarcerados é árdua tecelagem. Urdida pelo vai e vem das agulhas manuseadas, medidas em cada gesto. Palavra aqui vale pouco. Vale a atitude diante desse cotidiano que sempre nos assalta com uma surpresa, um golpe: um prisioneiro removido sem explicação. Voltaremos a vê-lo? Outro prisioneiro chega. Acolhemos com a necessária solidariedade e a ponta inevitável da reserva. A indicação do beliche onde deverá dormir. A uma prudente distância do núcleo que maneja os cordões invisíveis do cotidiano coletivo. A chamada para o exercício físico às cinco e meia da manhã, para retardar o apodrecimento do corpo e do espírito. Tudo aqui encerra um teste, uma prova. (Tierra, 2019, p. 73).

O narrador traz, ali, a situação que torna todos temerosos diante do inesperado, a resistência sendo construída por pequenas decisões que emprestariam regularidade ao cotidiano. Sendo a palavra de pouca valia, como também podendo comprometer a vida dos que ainda resistiam em diferentes frentes de luta, a confiança seria construída em árdua tecelagem pela constância de posicionamentos traduzidos em ações. A solidariedade a quem chegava deveria ser, pois, discreta, o gesto de apontar o beliche como o máximo de aproximação permitida naquele momento de necessária prudência.

É esse gesto de prudência que parece caracterizar o modo como Tierra constrói seu conto, ao optar por um discreto narrador de primeira pessoa. Usamos essa adjetivação porque tarda a projetar-se no texto uma debreagem actancial, temporal e espacial enunciativa. Na maior parte do conto, o que se tem é um observador falando do que chega aos seus sentidos como delírio manso e desconexo, representado por uma personagem peculiar, cujas falas se reduzem a citações do livro do Apocalipse e passagens bíblicas de Ezequiel, profeta dos cativos. Em um primeiro momento, o narrador actante intui ser seu novo companheiro de cárcere um sertanejo, devido à sua forma reservada de observar mais e falar menos. Em seguida, observa como esse modo de ser recupera a coletividade dos companheiros encarcerados: Naquelas circunstâncias se recomenda pouca prosa. (Tierra, 2019, p. 73). Após semanas de observação, pouca prosa, vai e vem de companheiros que chegam, são torturados e desaparecem, o observador ouve, pela primeira vez, a voz daquele que ele imagina ser um novo Antônio Conselheiro: Ouço e imagino uma reencarnação de Conselheiro (Tierra, 2019, p.74).

Refazendo, pela memória, o movimento que vai do afastamento à aproximação, é apenas por volta da metade do conto (parte II) que o narrador apresenta elementos que possibilitam a compreensão de que se trata do líder José

Porfírio, uma das figuras centrais do levante de posseiros nas terras de Trombas e Formoso, em meados do século passado. O narrador, então, reflete sobre a Bíblia e as palavras do companheiro de cela que mais parecem delírios, até que consegue colher informações a respeito da luta de Trombas e Formoso: Nos intervalos desse delírio manso e aparentemente desconexo, colhi de sua boca um relato indispensável para compreender a rebelião da gente da terra de Trombas e Formoso (Tierra, 2019, p. 78).

No conto, a personagem emblemática é, inicialmente, apresentada como leitor de um único livro, a Bíblia; e sertanejo, vindo do sul do Maranhão. Do ponto de vista da figuratividade, somos informados da cor de seus olhos e de sua intensidade: Os olhos fundos são duas contas azuis perfurando meus olhos com os punhais de sua luz (Tierra, 2019, p. 73). No mais, o que o enunciador traduz é, antes, o que seria a identidade desse ator, cuja constituição ganha contornos de uma coletividade:

Sertanejos são, por hábito, gente reservada. Educados pela pedra que pisam. Pelo sol, pelas fantasias dos anciãos, proferidas à luz de candeias, para adquirir força de verdade na imaginação infantil dos seus ouvintes. Pelos ventos que fustigam o couro da alma. Observam e falam menos. Afinal,

temos dois olhos e uma boca apenas... Nos afetos como nos ódios, se contêm. São econômicos. E intensos. Não derramam da vasilha. Como resina de angico. Assim partem para os conflitos do mundo. (Tierra, 2019, p. 72).

A voz do interlocutor Porfírio destaca-se, graficamente, pelo uso do itálico, mas não encontramos, em específico, a voz desse ator nessas passagens, na medida em que não se poderia atribuir-lhe autoria. O que emerge de sua boca são passagens do livro sagrado, que cita, insistentemente, num aparente alheamento frente a questões mais imediatas. É ainda por essa repetição de passagens do Apocalipse, e por seu poder de liderança política frente a posseiros, que o narrador o associa a um novo Antônio Conselheiro: Quase cem anos depois de Canudos, a espantosa miséria dos sertões do Brasil prossegue inalterada, produzindo seus messias para redimir multidões dos deserdados da terra (Tierra, 2019, p. 74).

Considerando sua situação de migrante, sujeito desterrado e em busca do que seria a terra prometida, o narrador pensa que o companheiro de cela se equivoca na seleção do livro: seria mais adequado o Êxodo. Mas são as metáforas que predizem o julgamento final e orientam uma espécie de delírio que possibilitam ao novo Conselheiro encontrar um modo de resistência na prisão, utilizando-se de uma fala de viés. Segundo o narrador, suas pregações míticas encontram precedentes, tendo em vista o que seria um poder hipnótico do texto bíblico sobre os oprimidos: Os loucos, os místicos, os profetas, os adivinhos, os rejeitados, as professorinhas do interior, as virgens defloradas, os amargos e os poetas (Tierra, 2019, p. 75). A personagem emblemática é assim constituída, a despeito de sua singularidade de ator, como efeito de uma sociedade de exclusão, produto de uma lógica histórica. Simultaneamente, recuperar o vivido pela literatura acaba por ser também um modo de constituição identitária que emerge da identificação com o que é da ordem do coletivo.

Apenas no final, a voz da figura Porfírio ecoa em primeira pessoa, não mais repetindo passagens bíblicas e anúncios de condenação. O companheiro anuncia, em forma de profecia, seu desaparecimento:

Quando eu sair daqui ninguém nunca mais saberá de mim. Conheço lugares que nem Jesus Cristo com os doze apóstolos pisou. Vou virar uma sombra. Uma sombra não se prende. Não se mete em cadeias. As sombras deslizam sobre paredes. Muros. São mais livres que os homens. As sombras não sangram: manchas de silêncio. Escapam do gume dos ferros. São defendidas da palavra. São defendidas da dor. (Tierra, 2019, p. 82).

Como um dos desaparecidos da ditadura, essa fala atribuída a ele, no fechamento do conto, anuncia a possibilidade de que tivesse sobrevivido, dado o que seria seu dom sobrenatural de poder tornar-se sombra e, como tal, incapaz de ser aprisionado, sangrar, sentir dor, sofrer. O enunciador incorpora, nesse trecho, o modo como lideranças políticas que combateram a ditadura foram mitificadas por sujeitos da região Norte⁷, tornadas, nas narrativas que se sucederam, entidades que, por isso, suplantam a morte, a condenação imposta pelos seus agressores. Porfírio é, então, corpo tornado sombra, finalmente livre, corpo sombra este que carrega em si a marca da resistência. Como já anunciado no início do conto, no contexto a que ele se remete, depois de alguns dias no cárcere, não se sabia o paradeiro dos companheiros após longas sessões de torturas. Mas a Porfírio, enquanto corpo, carne e alma, é dada a chance de redenção. Não é somente a carne que resiste, mas o espírito, a alma, a memória de resistência. A marca deixada, enquanto corpo actante, prevalece, ao longo dos anos, na memória coletiva e na escrita de Tierra.

O que o autor de *Pesadelo: narrativas dos anos de chumbo* (2019) tem de mais singular é a condição de tratar da ausência de uma alteridade, de um corpo actante que foi sequestrado, como se, com o gesto, se pudesse apagar a própria memória de que um dia tivesse existido. Para

⁷ Um grande exemplo desse processo de mitificação do guerrilheiro é a personagem Osvaldão de extração histórica. Líder da Guerrilha do Araguaia, frequentador do terecô, era tido como sujeito de corpo fechado, capaz de transmutar-se em árvore, tornar-se invisível aos olhos dos perseguidores. (Silva e Reis Silva, 2022, p. 126).

a ditadura, não bastava eliminar a resistência política e ideológica: era necessário, nos anos de trucidância, eliminar todo vestígio, negar-se a dizer que tenha acontecido. A resistência se faz, então, pela memória que se enuncia, escapando aos que queriam controlá-la pelo silêncio ou pela denegação. Ao tratar da marcação corporal do contato, Fontanille remete a uma cena prática passada ou potencial, cujas consequências se prolongam no presente (2016, p. 154). É a memória que resiste atualizando um corpo que testemunha um encontro, uma presença, o que não se pode esquecer. O corpo testemunha não pode negar a si mesmo e deixar de dizer.

Interessa-nos mais de perto considerar dois aspectos relativos ao conto em questão e que podem ser apreendidos a partir de uma regularidade da enunciação: o *ethos* do enunciador (locutor), considerando a dimensão de que deve ser compreendido também como um corpo, aquele que registra a memória, que sente os efeitos do afeto e que, como tal, se compromete a narrar cenas de pesadelo; o corpo do narrador, que narra a relação com Porfírio, de cujo corpo pouco se diz, mas cujo *ethos* vai sendo apreendido a partir de uma regularidade de sua enunciação; e o corpo figurativizado do ator Porfírio. Assim, o narrador, enquanto Eu da percepção sensível (poroso, englobante, fluido), autoriza uma comunicação com o invólucro do outro. É o campo sensorial recíproco sendo enfatizado. Ele é nordestino, é um Antônio Conselheiro, é o Ezequiel. Ele somos nós, resistência. Por ele e tantos outros, é preciso narrar.

O texto que aqui trazemos como objeto de análise evidencia a enunciação de uma marca. A experiência partilhada por Tierra enquanto autor e enunciador, traduzido por esse narrador que observa o companheiro de cela e compreende sua discricção e seu alheamento, traz a marca da testemunha, a qual tal instância narrativa, enquanto militante e sobrevivente ao cárcere, sente-se no dever de narrar. Segundo Fontanille (2016), são as marcas o efeito das interações com outros sujeitos e, mesmo, com objetos inanimados que atuam sobre o corpo que se permite marcar. Em outras palavras, o Eu-carne traz, em si, uma marca corpórea, a qual figurativiza o militante que é testemunha, o ator que enuncia a partir de sua experiência do cárcere. É a memória em movimento de resignificação, no aqui e agora da enunciação, que convoca o enunciador a traduzir a sensibilidade dos corpos-cárcere presentes na narrativa, ao levar o leitor a esse movimento de compreensão e reflexão do que foi o golpe de 1964.

O *ethos* enunciado nos faz crer, a partir do corpo que enuncia, na resistência da memória, enquanto marca que perdura além do contato sensorial (Fontanille, 2016, p. 188). A resistência se faz, então, pela memória que se enuncia, escapando aos que queriam controlá-la pelo silêncio ou pela denegação. Em outras palavras, é a partir da marca registrada e resignificada no agora que o *ethos* se faz resistência, por meio da rememoração de um passado sombrio. É a memória que resiste atualizando um corpo que testemunha um encontro, uma presença, o que não se pode esquecer. O corpo testemunha não pode negar a si mesmo e deixar de dizer, daí a relevância do relato ficcional de Tierra como marca de resistência e preservação de uma memória outrora dilacerada, fragmentada, invisibilizada.

Considerações Finais

Os resultados obtidos nesta pesquisa apontam para a necessidade de reflexões mais aprofundadas sobre o ensino de Língua e Literatura na Educação Básica do Tocantins, cujo foco se direciona para um trabalho a partir da memória da população da região, com textos produzidos por escritores e escritoras regionais. É igualmente imprescindível divulgar os materiais coletados e produzidos ao longo desta pesquisa, de modo a possibilitar que os professores conheçam as obras contemporâneas que ecoam vozes subalternas, e revisitem conceitos sobre o trabalho com textos literários em sala de aula.

Nesse sentido, pensamos no *ethos* que se produz em obras como as de Pedro Tierra, a partir de uma insistência temática e figurativa por parte do enunciador, que faz da sua produção literária razão de memória e resistência. Desse modo, podemos pensar em um narrador testemunha, presente nas obras contemporâneas do Norte do Brasil, mais próximas da ideia do *Testimonio* latino americano, em que é preciso que um letrado nesse caso particular, Pedro Tierra faça ecoar as vozes que não estão inseridas em um espaço de prestígio, além de ainda viver sob o silenciamento

impingido no período ditatorial brasileiro que se estende, de certa forma, até os dias atuais. Obras como a de Tierra, portanto, oportunizam aos leitores um olhar que ressignifica o passado à medida que desconstrói os discursos oficiais difundidos pelo Estado frente a uma escolha enunciativa e tomada de posição política/social que faz emergir e reverberar vozes subalternas.

A partir dessas reflexões, almejamos aprofundar discussões acerca do Ensino de Literatura na Educação Básica que sirvam para transformar o estudante em sujeito ativo e responsivo no processo de ensino-aprendizagem, promovendo sua participação efetiva na interpretação e apreciação dos textos. Isso visa garantir aos estudantes uma formação que os motive à leitura crítica das obras literárias, ao mesmo tempo que desenvolve habilidades de leitura que transcendem o espaço escolar, impactando, positivamente, sua vida acadêmica e social. Ao fomentar o gosto pela leitura descolonizadora, contribuímos com a formação de cidadãos capazes de interagir, criticamente, com o mundo ao seu redor.

Referências

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I e II**. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro, RJ: Ouro sobre Azul, 2017.
- DIAS, Ana Crelia P. Literatura e educação literária: quando a literatura faz sentido(s). **Cerrados**. Revista da Pós-graduação em Literatura. Universidade de Brasília. v.17, n.42, 2016. p.210-228.
- EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Tradução Denise Bottman. Porto Alegre, RS: L&PM, 2021.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Editora Contexto, 2017.
- FONTANILLE, Jacques. **Corpo e sentido**. Tradução Fernanda Massi e Adail Sobral. Londrina: EDUEL, 2016.
- GREIMAS, Algirdas Julian. **Semântica Estrutural**. Tradução Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1973.
- GREIMAS, Algirdas Julian; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Tradução Tradução Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- SILVA, Luiza Helena Oliveira da. O passado que se faz presença: uma leitura de Meu primeiro picolé, de José Francisco da Silva Concesso. **Revista EntreLetras**, v. 2 n. 1 – 2011, p. 49-58.
- SILVA, Luiza Helena Oliveira; MELO, Márcio Araújo. O que pode o leitor? **Revista EntreLetras**, Araguaína/TO, v. 6, n. 2, jul/dez. 2015.p.120-132.
- SILVA, Luiza Helena Oliveira; MELO, Márcio Araújo. Por um retorno ao texto e seus (dis) sabores: pesquisas sobre literatura no ProfLetras. **Revista EntreLetras**, vol. 9, nº 2, Araguaína, 2018. pp. 86-102.
- SILVA, Luiza Helena Oliveira. Narrativas do tempo da noite: a literatura de testemunho em Pedro Tierra. **ORGANON**, v. 35, p. 1-20, 2020.

SILVA, Luiza Helena Oliveira. Formação do leitor na escola: questionamentos a partir da semiótica discursiva. In: PINTO, Francisco Neto Pereira [et al.]. **Ensino da literatura no contexto contemporâneo**. Campinas: Mercado de Letras, 2021. p. 197-218.

SILVA, Luiza Helena Oliveira; REIS SILVA, Naiane Viera dos. Existências interrompidas: afetos de mulheres amazônidas na Guerrilha do Araguaia em produções de autoria feminina. In: BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas; SILVA, Luiza Helena Oliveira da. (Orgs). **Literatura e resistência** [livro eletrônico]: reler os anos de chumbo. Volume 2 □ Araguaína, TO: Universidade Federal do Norte do Tocantins - EDUFNT, 2022.

TESTA, Eliane C.; MARINHO, Paulo A. Falando de poesia: entrevista com o poeta Pedro Tierra. **Revista EntreLetras**, Araguaína, v. 9, n. 3, p. 363-371, 2018.

TIERRA, Pedro. **Pesadelo**: narrativas dos anos de chumbo. São Paulo: Autonomia Literária; Fundação Perseu Abramo, 2019.

TIERRA, Pedro. O leitor do livro do Apocalipse. In: **Pesadelo**: narrativas dos anos de chumbo. São Paulo: Autonomia Literária; Fundação Perseu Abramo, 2019. p. 69-84.

TOCANTINS. Secretaria de Educação e Cultura. **Unidades Curriculares das Eletivas (UCE)** para implementação do novo Ensino Médio. Palmas, TO: SEDUC, fev. de 2022.

TOCANTINS. Secretaria de Educação e Cultura. **Documento Curricular do Tocantins (DCT)** do novo Ensino Médio. Palmas, TO: SEDUC, março de 2022.

TOCANTINS. Secretaria de Educação e Cultura. **Documento Curricular do Tocantins (DCT)** do novo Ensino Médio. Palmas, TO: SEDUC, dezembro de 2022.

Recebido em 01 de dezembro de 2024

Aceito em 15 de julho de 2025